

---

Tribulações de *An Autobiographical Essay*, de Borges Borges, Jorge Luis *Um ensaio autobiográfico*, tradução de Maria Carolina de Araujo e Jorge Schwartz. São Paulo: Globo, 2000. Borges, Jorge Luis *Autobiografía*, traducción de Marcial Souto y Norman Thomas di Giovanni. Buenos Aires: El Ateneo, 1999.

---

Na história das traduções é comum um texto importante ser traduzido várias vezes e é comum também que traduções indiretas sejam sucedidas por traduções diretas. Certamente mais raro é o fato de uma primeira tradução direta ser substituída por uma tradução

indireta. É o que parece ter ocorrido com o texto *An Autobiographical Essay*, publicado no livro *The Aleph and Other Stories* (London: Jonathan Cape, 1971). O texto fora anteriormente publicado na revista *The New Yorker* e constituiu uma peça-chave no processo de canonização de Borges nos Estados Unidos.

Cabe notar que o texto despertou uma atenção extraordinária porque constitui as memórias mais sistemáticas feitas por Borges, embora muitas das informações estejam presentes em incontáveis outras entrevistas dadas ao longo de sua vida, sobretudo nos últimos anos. Cabe também uma observação sobre a qualidade do texto em inglês: Norman Thomas

di Giovanni “americaniza” Borges, da mesma forma que “americaniza” suas traduções da prosa borgiana. Isso fica mais claro quando contrastamos o texto de *An Autobiographical Essay* com o *This Craft of Verse* (Cambridge: Harvard University Press, publicado no Brasil como *Esse Ofício do Verso*, São Paulo: Companhia das Letras, 2000, tradução de José Marcos Macedo), onde vemos Borges usando um inglês mais britânico e mais culto, embora sem solenidade.

Mas *An Autobiographical Essay* conheceria uma vida movimentada em espanhol e em português. Em espanhol houve uma primeira edição publicada no jornal *La Opinión*, de Buenos Aires, em 17/09/1974. Segundo Juan Fló (*Contra Borges*, Buenos Aires: Galerna, 1978, p. 18, nota 11), trata-se de uma tradução “muy descuidada (la calle Thames se vuelve Tâmesis; *El arte de injuriar* se vuelve *El arte del insulto*, etc.)”. Outra é a opinião de Eduardo Pablo Giordanino, em sua resenha (acessada em 01/03/05 em <http://www.geocities.com/SoHo/Cafe/1131/07memoes.html>) de *Autobiografía* (El Ateneo: Buenos Aires, 1999, tradução de Marcial Souto y Norman Thomas di

Giordanino). Para Giordanino essa edição apresenta vários problemas, em primeiro lugar por ser fruto de uma operação sobretudo comercial (aproveitando a voga Borges e coincidindo com a Feria del Libro Internacional de Buenos Aires), em que se destaca o uso de fontes enormes para aumentar artificialmente o volume:

Como es negocio seguro, estamos ante un lujoso volumen encuadrado en tapa dura impreso con tipografía para miopes: páginas de 24 líneas a cuerpo 16 con margen generoso, a fin de dar forma de libro a las palabras que conforman esta autobiografía.

Depois de assinalar que a página dos créditos está repleta de indicações de *copyright*, sinal das desavenças em torno da herança dos direitos de autor de Borges, o resenhista observa que a edição se apresenta como a primeira em espanhol, quando na realidade é a segunda:

La escueta nota del editor nos dice que «dictada en inglés a su colaborador y traductor Norman Thomas di Giovanni durante los primeros meses de 1970, esta *Autobiografía* fue

publicada por la prestigiosa revista *The New Yorker* en septiembre de ese mismo año, y poco después como introducción a la edición norteamericana de *The Aleph and Other Stories*. Referencia obligada de distintas biografías y ensayos sobre el Maestro, el texto completo se publica por primera vez en español.» Nada más. Los editores ignoran, o pretenden ignorar, que la autobiografía ya había sido publicada en español: en un suplemento del diario *La Opinión* del martes 17 de septiembre de 1974 titulado *Las memorias de Borges* (ver foto). Según la información consignada por los editores del diario, eligieron la *Autobiografía* de Borges para conmemorar su milésima entrega: «la publicación de las *Memorias* coincide con el lanzamiento de las *Obras Completas* del maestro: es a los buenos oficios de Emecé, el sello responsable de esa edición, que *La Opinión* debe el conocimiento del admirable texto que se incluye en este número 1.000» (p. i).

Finalmente, Giordanino, que prefiere a edición de *Opinión* porque

teria mais traços estilísticos borgianos, reconstitui a origem do texto:

Lo poco que sabemos de las *Memorias-Autobiografía* es que Borges elaboró unos borradores en inglés y dictó el texto a Di Giovanni en una oficina de la Biblioteca Nacional entre el 21 de abril y el 28 de julio de 1970.

No Brasil, um dos países que mais consomem Borges no mundo, *An Autobiographical Essay* foi rapidamente traduzido.

Curiosamente, apareceu como *Um ensaio biográfico*, apêndice ao livro de poemas *Elogio da sombra* (Globo: São Paulo, 1971), em tradução de Maria da Glória Bordini. Essa tradução foi substituída na reedição geral das obras de Borges pela Editora Globo efetuada nos últimos anos, por uma nova tradução, desta vez por Maria Carolina de Araujo e Jorge Schwartz. Os dois traduziram ou revisaram também outros textos pertencentes aos quatro volumes das chamadas *Obras completas* de Borges. As mudanças de uma edição para a outra refletem as mudanças no estatuto de Borges dentro do cânone literário mundial, assim como mudanças nas concepções de tradução, além

de refletir, evidentemente, as opções estéticas específicas dos tradutores.

A tradução de Bordini segue de muito perto o texto original e apresenta até um traço regional quando, por exemplo, opta por usar o *tu* na seguinte passagem, em que Borges evoca, desaprovando, as brincadeiras do escritor Ramón Gómez de la Serna:

Tinham um bufão que usava um bracelete com um chocalho pendurado. Faziam que apertasse as mãos das pessoas e o chocalho chocalhava e Gómez de la Serna invariavelmente dizia: “Onde está a serpente?”. Isso era considerado uma graça. Uma vez voltou-se orgulhoso para mim e observou: “Nunca *viste* este tipo de coisa em Buenos Aires, não é?” Admiti que, graças a Deus, nunca vira. (p. 89)

O mesmo trecho na tradução de Araujo e Schwarz, além de utilizar a terceira pessoa, apresenta outras particularidades (as principais estão assinaladas em itálico):

*Havia um palhaço* com uma *pulseira* na qual tinham amarrado um *guizo*. Faziam *com que ele* apertasse a mão

das pessoas e o *guizo* soava e Gómez de la Serna invariavelmente perguntava: “Onde está a *cobra*?” Achavam isso engraçado. Certa vez me olhou *com orgulho* e comentou: “*Você* nunca viu nada semelhante em Buenos Aires, não é *mesmo*?”. Admiti que não, graças a Deus. (p. 58)

Vemos que as escolhas dos segundos tradutores vão no sentido de elevar a linguagem do narrador (havia), aumentar a precisão terminológica (*palhaço, guizo, cobra*), estabelecer a norma sintática (faziam com que) e dar mais idiomaticidade (*com orgulho, não é mesmo?*), além, de restabelecer o dialeto padrão do Sudeste tido como norma nacional com o uso de *você*. Mas há mais: apesar de conterem as mesmas informações as frases são tão diferentes que sugerem que *partiram* de textos diferentes.

Justamente por ter sido co-autor do texto original, Di Giovanni tem parte dos direitos autorais sobre esta obra. Uma “Nota do editor” esclarece o que se passou. A nota detalha a história das edições anteriores do texto em inglês e em espanhol, omitindo a primeira edição do *La Opinión* e

assinando que, por ocasião do centenário de nascimento de Borges, houve duas edições em espanhol: uma com o título de *Autobiografía* (1899-1970), traduzida por Marcial Souto e Norman Thomas di Giovanni (Buenos Aires: El Ateneo, 1999) e *Un ensayo autobiográfico*, edición del centenario (1899-1999), traduzida por Aníbal González e com epílogo de María Kodama (Barcelona: Galaxia Gutenberg/Círculo de Lectores/Emecé, 1999). As duas edições diferentes e oficiais se explicam pelo fato de que os direitos do texto pertencem simultaneamente a Di Giovanni (co-autor do texto original) e Kodama, viúva e herdeira de Borges.

Examinando o volume com a tradução de Souto e de Di Giovanni, constata-se que ela é que deve ter servido de base para a nova versão brasileira. De fato, embora a página de créditos dê como título original a edição norte-americana, o texto e até o projeto gráfico do livro mostram parentesco com a edição de El Ateneo. A capa é a mesma, as ilustrações são as mesmas, até a subdivisão é a mesma: contém a palavra Sumário,

inexistente no original inglês, e a última parte, chamada “Crowded Years” (e que Bordini traduziu como “Anos cheios”), foi traduzida como “Anos de plenitude” (que corresponde aos “Años de plenitud” da edição portenha). O texto também está dividido em capítulos indicados por números romanos e na mesma fonte enorme criticada por Giordanino. Como as outras traduções de Araujo e Schwarz das *Obras completas*, esta se caracteriza pela correção e atenção aos detalhes bibliográficos e culturais. Ao mesmo tempo, nas passagens mais próximas à oralidade, há um esforço de reprodução no mesmo sentido. A opção de se traduzir do espanhol, e não do inglês, se foi realmente o que ocorreu, faz sentido, neste caso, por ser Di Giovanni o co-autor do texto original. A essas variantes todas que só enriquecem o grande texto autobiográfico de Borges, talvez se acrescentasse algum dia a transcrição das fitas originais e dos primeiros rascunhos, o que poderia lançar uma luz inédita sobre os processos de composição literária de Borges.

Walter Carlos Costa  
UFSC